

Uma proposta artística e pedagógica para o ensino sobre culturas indígenas

 Célia Cristina Soares¹,  Ozaias da Silva Rodrigues²

¹ Centro Universitário Senac. Pós-Graduação e Extensão. Av. Eng. Eusébio Stevaux, 823, Santo Amaro, São Paulo-SP. Brasil.

² Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT.

Autor para correspondência/Author for correspondence: celiacsoaresphotograph@gmail.com

RESUMO. O presente artigo apresenta uma proposta artística e pedagógica voltada ao ensino das culturas indígenas brasileiras, articulando fundamentos teóricos da Arte-Educação com práticas museais e experiências de mediação cultural. A partir de uma ação educativa desenvolvida no Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia (MUSEAR) e inspirada na exposição *Voos Xamânicos*, de Ruth Albernaz, a pesquisa busca discutir a arte indígena como instrumento de valorização cultural e de reflexão crítica no contexto escolar. Fundamentado em autores como Ana Mae Barbosa, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky e Berta Ribeiro, o estudo enfatiza o papel da arte na formação sensível e no reconhecimento da diversidade cultural. A metodologia baseia-se na triangulação entre ver, fazer e refletir, estimulando a leitura de imagens, a experimentação artística e a criação coletiva. Como resultado, destaca-se o potencial transformador da arte e dos museus enquanto espaços de diálogo entre saberes, ampliando a compreensão das culturas indígenas e sua inserção no ensino de arte contemporâneo.

Palavras-chave: arte-educação, culturas indígenas, mediação cultural, museus, ensino da arte.

An artistic and pedagogical proposal for teaching about indigenous cultures

ABSTRACT. Abstract: This article presents an artistic and pedagogical proposal aimed at teaching Brazilian indigenous cultures, articulating theoretical foundations of Art Education with museum practices and experiences of cultural mediation. Based on an educational action developed at the Rondon Museum of Ethnology and Archaeology (MUSEAR) and inspired by the exhibition Shamanic Flights, by Ruth Albernaz, the research seeks to discuss indigenous art as an instrument of cultural appreciation and critical reflection in the school context. Grounded in authors such as Ana Mae Barbosa, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky, and Berta Ribeiro, the study emphasizes the role of art in sensitive development and in the recognition of cultural diversity. The methodology is based on the triangulation between seeing, doing, and reflecting, stimulating the reading of images, artistic experimentation, and collective creation. As a result, the transformative potential of art and museums as spaces for dialogue between knowledge is highlighted, broadening the understanding of indigenous cultures and their inclusion in contemporary art education.

Keywords: art education, indigenous cultures, cultural mediation, museums, art teaching.

Una propuesta artística y pedagógica para la enseñanza de las culturas indígenas

RESUMEN. Este artículo presenta una propuesta artística y pedagógica para la enseñanza de las culturas indígenas brasileñas, articulando fundamentos teóricos de la Educación Artística con prácticas museísticas y experiencias de mediación cultural. Basada en una acción educativa desarrollada en el Museo de Etnología y Arqueología de Rondón (MUSEAR) e inspirada en la exposición «Vuelos Chamánicos» de Ruth Albernaz, la investigación busca analizar el arte indígena como instrumento de apreciación cultural y reflexión crítica en el ámbito escolar. Fundamentada en autores como Ana Mae Barbosa, John Dewey, Jean Piaget, Lev Vygotsky y Berta Ribeiro, el estudio enfatiza el papel del arte en el desarrollo sensible y en el reconocimiento de la diversidad cultural. La metodología se basa en la triangulación entre ver, hacer y reflexionar, estimulando la lectura de imágenes, la experimentación artística y la creación colectiva. Como resultado, se destaca el potencial transformador del arte y los museos como espacios de diálogo entre saberes, ampliando la comprensión de las culturas indígenas y su inclusión en la educación artística contemporánea.

Palabras clave: educación artística, culturas indígenas, mediación cultural, museos enseñanza de arte.

Introdução

A arte constitui um campo de conhecimento fundamental para a formação sensível e crítica do indivíduo, possibilitando a expressão, a imaginação e o diálogo com o mundo. No contexto educacional, a arte-educação permite que o estudante desenvolva a percepção estética e a consciência cultural, compreendendo-se como sujeito criador e participante ativo da sociedade. A partir dessa perspectiva, a proposta apresentada neste artigo busca articular o ensino da arte com o reconhecimento e a valorização das culturas indígenas brasileiras, promovendo reflexões sobre identidade, memória e diversidade.

O artigo em tela deriva de um trabalho de conclusão de curso de pós-graduação da autora principal, finalizado em 2020. Na ocasião, foi proposto um projeto com o objetivo de potencializar o entendimento de que a arte possui capacidade integral de mobilizar a consciência humana por meio das experiências do real. Nessa proposta, arte e educação foram utilizadas como base para a criação de atividades voltadas à compreensão da arte indígena e à conscientização sobre a diversidade cultural. As ações pedagógicas envolveram o uso das linguagens visuais e a condução dos alunos em leituras e apreciações de imagens, especialmente durante visitas ao Museu de Arte e Cultura Popular (MACP/UFMT), buscando instigar experiências estéticas e reflexivas.

Para aprofundar a reflexão sobre diversidade cultural, foi realizada uma investigação bibliográfica articulada à prática educativa vivenciada com alunos da educação básica. Posteriormente, a pesquisa foi ampliada com a experiência no Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia (MUSEAR), tendo como ponto de partida a exposição *Voos Xamânicos*, de Ruth Albernaz. Essa vivência possibilitou o diálogo entre a produção artística contemporânea e os saberes tradicionais indígenas, estimulando uma leitura sensível das obras e uma compreensão mais ampla da arte enquanto linguagem simbólica e social. A mediação museal, nesse contexto, atuou como espaço de troca e construção de conhecimento, aproximando os estudantes da arte indígena de forma crítica e respeitosa.

A fundamentação teórica baseia-se em autores como John Dewey, Ana Mae Barbosa, Lev Vygotsky, Jean Piaget e Berta Ribeiro, cujas contribuições reforçam a importância da experiência, da interação e da reflexão no processo de aprendizagem. A metodologia adotada segue a proposta triangular de Barbosa — ver, fazer e refletir — integrando a observação, a prática artística e a análise crítica como caminhos para o desenvolvimento da sensibilidade e da consciência estética. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar as potencialidades da arte indígena como

recurso pedagógico e instrumento de mediação cultural, evidenciando sua relevância para o ensino da arte e para a formação de uma educação multicultural. Ao unir escola, arte e museu, buscamos construir uma experiência educativa que valorize os saberes locais, incentive o respeito às diferenças e reconheça a arte como força de transformação social.

Pensando arte, educação e culturas indígenas

Muito se discute sobre educação e de certa forma cada disciplina com sua grade curricular, seja na educação básica ou superior, carrega seu peso de responsabilidade para com quem se ensina. Todas são estruturadas ou deveriam ser para que pudessem atender as necessidades do alunado para com suas reais finalidades sociais. Mas será que ao fazermos um planejamento/plano de aula temos em mãos todos os objetivos traçados para que se consiga atingir um pensamento reflexivo sobre a sociedade em que vivemos? Será que somos capazes de ampliar os conteúdos e as informações contidas nas propostas pedagógicas e delas repassar aos alunos de forma diversificada e ampla? Nesse contexto, precisamos falar sobre a importância que a arte representa na educação e o fato de que ela pode exercer e influenciar o alunado a um pensar mais reflexivo, aprendendo a lidar com questões sociais e tendo consciência da diversidade cultural. Este é o papel do arte educador.

A questão principal é reconhecer a dinâmica do ato de ensinar, como um processo de construção compartilhada, partindo da relação do conhecimento pré-existente e o novo conhecimento, a ser transmitido e trabalhado coletivamente. Levando em consideração que a aprendizagem é um processo ativo e que todo conhecimento se baseia na ação, segundo Jean Piaget (1978), o começo do conhecimento é a ação do sujeito sobre o objeto, ou seja, o conhecimento humano se constrói na interação homem-meio, sujeito-objeto, a aprendizagem deve ser compreendida como um processo ativo, em que o sujeito interage com o mundo e com os outros para produzir sentido e transformar suas experiências em conhecimento.

Vale ressaltar por sua vez que Lev Vygotsky (1998) complementa essa perspectiva ao destacar o caráter social e cultural da aprendizagem. Para o autor, o conhecimento não é apenas resultado da ação individual, mas também da mediação social e simbólica. O aprendizado acontece nas interações e no diálogo com o outro, dentro de um contexto histórico e cultural específicos. Sua noção de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) evidencia a importância da mediação

pedagógica, pois é na relação entre o que a criança já sabe e o que pode aprender com o apoio de outros que se dá o avanço cognitivo. Queremos unir teoria e prática a partir da apreciação e leitura de imagens, pensando uma metodologia onde a criança possa criar suas próprias imagens, para que tenham liberdade de pensamento.

Por muito tempo o ensino da arte era direcionado a exercícios e tarefas com pouca criatividade: “As atividades iam desde ligar pontos até copiar formas geométricas. A criança não era considerada uma produtora e por isso cabia ao professor dirigir seu trabalho e demonstrar o que deveria ser feito” (p. 17), afirma Rosa Iavelberg (2003). Ao contrário do que acreditamos, é necessário modificar essa abordagem do desenho já feito e fazer com que os alunos passem a libertar a expressão e a imaginação. Nesse sentido, o grafismo indígena pode ser utilizado como meio de aprendizagem, haja vista a necessidade de valorizar as culturas indígenas pelo vasto valor artístico de suas criações e sua cultura material. Temos a oportunidade de reconhecer a riqueza cultural dos grupos indígenas e desmistificar que os mesmos são culturalmente inferiores. Essa é a nossa proposta. Berta Ribeiro, estudiosa das culturas indígenas nos revela que há um cuidado na produção de sua cultura material – produção material essa que ela não se acanha em chamar de “arte”:

A arte impregna todas as esferas da vida do indígena brasileiro. A casa, a disposição espacial da aldeia, os utensílios de provimento da subsistência, os meios de transportes, os objetos de uso cotidiano e principalmente, os de cunho ritual estão embebidos de uma vontade de beleza e de expressão simbólica. Estas características transparecem quando se observa que o índio emprega mais esforço e mais tempo na produção de seus artefatos que o necessário aos fins utilitários a que se destinam; e quando passa horas a fio ocupado na ornamentação e simbolização do próprio corpo. Neste sentido, a arte indígena reflete um desejo de fruição estética e de comunicação de uma linguagem visual (Ribeiro, 1989, p. 13).

“Vontade de beleza”, uma forma possível de definir o ímpeto artístico humano. Essa arte demorada, precisa, artesanal e processual faz parte das culturas indígenas, e como tudo na cultura, arte se aprende vendo e fazendo. Dewey acreditava que, para o sucesso do processo educativo, bastava um grupo de pessoas se comunicando e trocando ideias, sentimentos e experiências sobre as situações práticas do dia a dia, pois o aprendizado se dá justamente quando os alunos são colocados diante de problemas reais, educar, portanto, é mais do que reproduzir conhecimentos, é incentivar o desejo de desenvolvimento contínuo, preparar pessoas para transformar algo. No caso das culturas indígenas não podemos falar de educação ao modo ocidental de educar, visto que nem todas têm escolas ou precisam delas para educar seus jovens e crianças.

Para um melhor aproveitamento de nossa proposta, uma boa maneira de introduzir o assunto é permitir que as crianças tenham contato com produções de artistas contemporâneos e na proposta elaborada pela autora principal a referência são os artistas indígenas. Nosso recorte temático são as artes visuais, a comunicação entre homem e natureza, e sua importância, as várias formas de linguagem e como elas se comunicam. De que forma a arte pode nos auxiliar a construir uma educação que valoriza a arte e as culturas indígenas? Nosso intuito é responder a essa questão a partir de uma experiência didático-artística com alunos da educação básica em Cuiabá - MT.

A escolha pelas obras da artista plástica Ruth Albernaz¹, através da Exposição Voos Xamânicos, nos interessou por se tratar de um conjunto de obras que se encaixam perfeitamente com a linha norteadora desta proposta, por tratar do multiculturalismo, da arte e cultura indígenas, de questões ambientais, do mundo espiritual e de várias linguagens. Esse processo começa exatamente na construção e disposição da obra, seleção dos objetos e aumento do espaço entre os objetos para permitir uma melhor observação.

O Mediador/educador é peça fundamental para criar uma comunicação entre a obra do artista e o visitante da exposição, é o elemento que une e quanto mais compreensiva for essa comunicação para as pessoas, mais interação com o espaço da exposição poderá ocorrer, transformando a experiência em algo interessante e que desperta a curiosidade dos alunos. O local escolhido para a apresentação desta proposta foi o MUSEAR - Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia, criado em 1972, para ser um centro de indigenismo, pesquisa e divulgação das culturas indígenas em Mato Grosso, seu acervo atual ultrapassa mil peças, incluindo plumárias, indumentárias, armas, artefatos de rituais diversos, cerâmicas, instrumentos musicais, tecelagem, trançados e outros utensílios. Seu nome é um tributo ao mato-grossense marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, pela sua determinação na defesa dos direitos indígenas, a escolha pela realização do projeto educativo neste museu vai totalmente de encontro com a sua história, sendo assim a estrutura iria de encontro com todo trabalho pedagógico da proposta.

O público-alvo deste projeto pedagógico são alunos do Ensino Fundamental das escolas municipais de Cuiabá/MT. Tendo em vista que as atividades propostas não precisam necessariamente serem executadas em instituições formais, a principal ideia é que possam ser realizadas em qualquer meio educacional, não necessariamente apenas no Museu, sendo o objetivo maior levar essas atividades para serem realizadas nas escolas da capital e região metropolitana.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20497	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------

A cultura se constitui de arte, e de infinitas expressões humanas, tais como literatura, música, danças, línguas, alimentação, mitos, entre outros elementos que podem revelar a alma e a identidade de um povo. Sem zelar pela tradição e pelo patrimônio espiritual que um povo constrói, a cultura pode se perder e na sociedade globalizada cresce o risco de as culturas de países dependentes sofrerem danos irreversíveis pelo impacto das culturas hegemônicas. Nesse cenário, reconhecer e proteger a pluralidade cultural brasileira é dever de todos, com a devida valorização das diferentes culturas que coexistem em nosso país.

A escola tem, por sua vez, um papel fundamental a desempenhar nesse processo, em virtude de ser um espaço de convivência de diferentes origens e por ser um lugar onde são transmitidos vários conhecimentos, oportunizando debates e discussões em torno de questões sociais. Não podemos deixar de mencionar que cabe ao educador oferecer elementos que possam contribuir para as transformações necessárias na compreensão da diversidade cultural em nosso território. Dentre todas as formas de educar, a arte é a disciplina que nos permite transpor barreiras, pois sua potencialidade pode ser concretizada de variadas formas e isso deve ser usado como uma linguagem criativa para a educação.

Como nos diz Ana Mae Barbosa (2012) no texto “Arte, educação e cultura”, a cultura indígena ainda é considerada de segunda categoria, já que a escola se baseia na cultura erudita e europeia para educar os estudantes. No entanto:

A educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo, a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte americano branco. A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e esoterismo; sempre como uma cultura de segunda categoria (Barbosa, 1991, p. 36).

Pensando exatamente nisso, como associar a arte ao ensino da arte indígena e como fazer isso de forma interessante aos olhos de estudantes do ensino fundamental? Como tornar atrativa a arte indígena e principalmente desmistificar o olhar sobre as culturas indígenas e estimular mudanças no pensar e no agir desse alunado? Escolhemos então algo que pudesse fazer a diferença, de forma significativa, para esses alunos e que possibilitasse uma interação (trabalho em grupo) e comunicação com várias disciplinas a partir da Exposição Voos Xamânicos. Diante destas questões, a proposta foi sendo articulada para usar a arte indígena como referência artística e pedagógica no desenvolvimento cognitivo dos alunos que participaram da iniciativa.

A autora principal criou atividades de grafismo (pinturas corporais associadas a desenhos da fauna e flora brasileiras), nas quais os alunos pudessem ter uma compreensão maior da riqueza da arte indígena, tendo como referência artistas indígenas, ressaltamos que no período entre 2020 à 2023 fomos assolados pela pandemia de COVID 19 não podendo ter sido realizado presencialmente este trabalho de mediação pedagógica.

Associando a arte e a educação, já que definimos a primeira como uma forma do ser humano expressar suas emoções e cultura por meio de valores estéticos, enfatizamos que numa lógica ocidental “... tudo tende a se separar; A ciência se desliga da religião, a religião se desliga da História, e a arte se desliga de todo o resto. Nas sociedades estudadas pelos etnólogos, evidentemente, tudo isso se encontra unificado (Lévi-Strauss, 1982, p. 24).

Temos assim o entendimento que a arte enquanto prática pedagógica pode percorrer caminhos que potencializem e desenvolvam a percepção, observação, imaginação e sensibilidade dos indivíduos. Segundo Ana Mae Barbosa (2010) “A arte na educação afeta a invenção, inovação e difusão de novas ideias e tecnologias, encorajando um meio ambiente institucional inovado e inovador” (p. 2). Sob o ponto de vista educativo, compreendemos que existe uma concepção simplória, no senso comum, da arte indígena, ao mesmo tempo em que a arte pode ser usada de forma mais ampla como proposta didática de aprendizagem. Possibilitar essas transformações e dinamizar o conhecimento é o que se espera das atividades propostas nos museus, tendo em vista que a instituição “é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e a serviço da sociedade, que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Aberto ao público, acessível e inclusivo, o museu fomenta a diversidade e a sustentabilidade. Atua e se comunica eticamente, profissionalmente e com a participação das comunidades, oferecendo experiências variadas para educação, fruição, reflexão e compartilhamento de conhecimentos” (ICOM, 2022, s/p).

Possibilitar essas transformações e dinamizar o conhecimento é o que se espera das atividades propostas nos museus, tendo em vista que a “instituição está a serviço da sociedade que adquire, comunica e notadamente expõe, para fins de estudo, conservação, educação e cultura, os testemunhos representativos da evolução da natureza e do homem” (ICOM, 2007, s/p.). Vale ressaltar ainda que as instituições de ensino formal e não formal devem assumir seu papel de ofertar uma educação cultural humanizadora, estimulando os saberes éticos, culturais e estéticos, conduzindo os alunos a pensarem para além dos materiais didáticos, cabendo aos professores

formarem cidadãos conscientes das culturas nas quais estamos inseridos e principalmente estimular os alunos a terem uma visão correta sobre as culturas indígenas e afro-brasileiras, por exemplo.

Conhecer a relação dos povos indígenas com o meio ambiente, os problemas característicos de regiões de intensa urbanização, as distintas formas de vivência em zonas urbanas e rurais, possibilita transversalizar as disciplinas e nas palavras de Rodrigues (2015), a compreensão das criações estéticas dos povos indígenas nacionais beneficia uma arte-educação inclusiva e coerentemente crítica. Ter contato com objetos de cultura material de “outros” povos enriquece nosso repertório de valores em relação a essas culturas até então “estranhas”. Consuelo Schlichta e Isis Tavares (2006) esclarecem que o conhecimento nos faz ver o mundo de outra forma e nos enriquece intelectual e eticamente, pois:

... conhecer vai além da capacidade de enxergar ou de ouvir. Conhecer é compreender, é ser capaz de extrair de um objeto seus sentidos ou suas razões. Por isso, conhecer, longe de ser uma absorção passiva do repertório de alguém, exige do apreciador um repertório e um esforço de interpretação das formas simbólicas, para percebê-las como a expressão de outro sujeito e como uma mensagem a ser compreendida (Schlichta & Tavares, 2006, p. 7).

Como base nesses apontamentos foi necessário pesquisar autores que, de alguma forma, pudessem ter a mesma linha de abordagem, diante de tantas questões cruciais e que dialogassem no mesmo eixo educacional. Considerando as disciplinas estudadas ao longo do curso de Arte Educação, tais autores foram fundamentais para a execução do desenvolvimento desta proposta de atividade educativa, onde pudemos, ao longo da pesquisa bibliográfica, analisar alguns recortes que deveriam ser feitos.

A abordagem desta proposta educativa se baseia nos estudos de Elliot E. Eisner, John Dewey, Rejane Coutinho e Ana Mae Barbosa. Esses/as autores/as enfatizam que a arte precisa ser vivida através das experiências no cotidiano. Em seu artigo, Rejane Coutinho (2003) diz que carregamos nossas vivências em nossa memória, mas elas só passam a compor uma história e tornam-se experiências no momento em que nos dispomos a refletir, a relacionar e a tecer nossas singularidades. A proposta é focar as experiências que resultaram em conhecimento acerca da arte e da cultura na vida de cada um, assim:

Ter uma experiência é uma ação reflexiva do sujeito no mundo que se situa tanto no próprio ato da experimentação quanto no efeito de experimentar-se. Ou seja, tanto o sujeito quanto o objeto da ação se modificam no decurso da experiência. Tomando a concepção de experiência do filósofo John Dewey,

entendemos que ela é integrada e delimitada, dentro das vivências gerais da vida, porque “seu fim é uma consumação e não uma cessação. Tal experiência é um todo e traz consigo sua própria qualidade individualizada e sua auto-suficiência. É uma experiência” (Dewey, 1980, p. 89).

Wallace Rodrigues (2015) nos diz que os valores e sentidos das criações artísticas indígenas podem ser um dos caminhos para o reconhecimento da riqueza cultural dos grupos indígenas nacionais, desarticulando o argumento de que os indígenas são “culturalmente inferiores” aos povos de tradição ocidental européia, como nos fizeram acreditar por muito tempo. É preciso reverter esse pensamento e fazer com que os educadores quebrem os estereótipos criados através da história ocidental sobre as culturas indígenas e nesse intuito a Antropologia é uma grande aliada da arte e da educação.

À arte indígena sempre foi destinado um espaço reduzido na história da arte brasileira, inicialmente vista como exótica e levada aos gabinetes de curiosidade da Europa pelos colonizadores, acabou por estimular a produção de importantes artistas visuais em diferentes fases da história do contato entre culturas indígenas e não-indígenas, tornando-se objeto de maior atenção graças às pesquisas em Arte e Antropologia da Arte. Ao longo da modernidade ocidental, a concepção dessa arte indígena colocava-a como anterior às influências europeias, como algo primitivo e distante da arte europeia, soberbamente baseada nas culturas greco-romanas.

Entretanto, a obra de artistas visuais brasileiros que foram estimulados pelos povos indígenas e sua estética, embora numa abordagem por vezes realista e por outras bastante fantasiosa, nos ajudam na compreensão e aproximação com essas culturas. Nas palavras de Paulo Freire, o ser humano deve ser entendido “como um ser criador e recriador que, através do trabalho, vai alterando a realidade” (Freire, 2002, p. 132) e produzindo cultura. A proposta aqui é pensar a partir das Obras “Voos Xamânicos” da artista plástica Ruth Albernaz, um recorte sobre como fortalecer e desenvolver um olhar mais atento para as questões culturais indígenas na contemporaneidade.

Em nossa proposta, cabe ao educando a oportunidade de testar, conhecer e escolher diferentes formatos, gestos, sons e movimentos corporais. “O estudante deve ter a chance de experimentar com diferentes formas e procedimentos para desenvolver um percurso próprio”, diz Rosa Iavelberg (Iavelberg, 2003, p. 64). “O caminho é favorecer a criação com propostas instigantes. Assim a produção dialoga com diferentes referências e alimenta a poética pessoal”, diz Mirian Celeste Martins (Martins, 2003, p. 24).

Tendo em vista que as obras artísticas escolhidas para esse recorte são composições baseadas em narrativas intensas e com grande carga visual significativa de elementos visuais, considerando a oportunidade de promover múltiplas experiências por meios de diálogos entre arte, conhecimento indígena e educação, nos apoiaremos nos seguintes pesquisadores: Darcy Ribeiro, Berta Ribeiro (1995), Ana Mae Barbosa (2008) e Lux Vidal (1992) que destaca a importância da cosmogonia e dos ritos mitológicos da oralidade, que constituem um conjunto de saberes milenares articulados antes da colonização, legitimando práticas culturais e educativas próprias das comunidades indígenas (Alves apud Barbosa, 2008, p. 29).

Como itens fundamentais na educação dos povos indígenas, essa abordagem permite que o processo educativo e museal seja um espaço de liberdade de pensamento, experimentação, criação e valorização cultural, articulando teoria e prática e respeitando a autonomia, a tradição e a poética pessoal das crianças e dos jovens. Essa perspectiva está profundamente relacionada às formas próprias de conhecimento e de transmissão de saberes nas culturas indígenas, em que o ensino não se separa da vida, da natureza e da espiritualidade, como podemos ver no trecho a seguir:

Quando falo de cosmogonias e rituais mitológicos, refiro-me a uma outra ordenação do saber, articulada antes da chegada dos colonizadores, de tessitura milenar, cujas analogias estavam fundadas em uma visão autorreflexiva da própria cultura e alimentadas pela tradição e pelo parentesco. Tratava-se de um conjunto de saberes que estabelecia um outro tipo de relação, distinta da europeia, envolvendo a realidade cultural e a fantasia, ancorada nos mitos e nos saberes transmitidos pelos antepassados. Enalteciam a narrativa mítica e rejeitavam qualquer inovação que não tivesse nexos com a tradição dos antepassados. Eram difundidos pela oralidade, evocando uma relação muito forte com a natureza, os mortos, os antepassados, os inimigos, os espíritos, os quais legitimavam uma ordenação social, explicando a origem do mundo e os diversos fenômenos, fatos, atitudes e ações valorizadas pela tradição (Alves apud Barbosa, 2008, p. 29).

Essa reflexão nos ajuda a compreender que a arte, nesse contexto, tem um impacto profundo nas pessoas. Ela não se limita à contemplação estética, mas atua como memória e linguagem simbólica, capaz de reativar sentimentos, reconstruir lembranças e reforçar vínculos identitários. A arte é, portanto, uma forma de conhecimento sensível, que desperta no sujeito o pertencimento e o diálogo com o passado e o presente. Suas manifestações podem nos atrair pela beleza ou nos comover pela força expressiva, mas, acima de tudo, têm o poder de provocar reflexões e experiências que ressignificam a relação do ser humano com a cultura e com a natureza.

Sendo assim a arte tem um impacto profundo nas pessoas. Ela pode simplesmente nos atrair de maneira superficial, ou também ter um forte poder, como estímulo para retomar algumas memórias. As reações de cada um são diferentes à arte, podendo nos levar ao passado ou a lugares

muito distantes, mas a sua capacidade de produzir um efeito sobre nós é inquestionável, desse modo:

Vemos, portanto, a arte como um processo de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção aos seus sentidos, ao autoconhecimento e ao conhecimento do meio natural e social ao qual está inserido, uma vez que “através da arte somos ainda levados a conhecer aquilo que não temos oportunidade de experimentar em nossa vida cotidiana” (Duarte JR, 2009, p. 68).

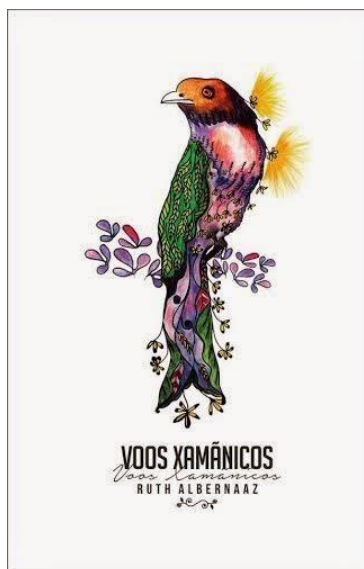
Tornando como foco a linguagem e comunicação visual, a comunicação do e entre homem e a natureza, queremos fazer com que essa linguagem se torne peça fundamental para conscientizar da importância desta educação nos dias de hoje, tratar das diversas formas de cultura, percebendo a riqueza do multiculturalismo retratado pela artista que nos leva a observar a grandeza das etnias indígenas e da grandiosidade dos diversos biomas. Como objetivo geral temos a necessidade de desmistificar relação entre cultura e arte indígena, ampliando o conhecimento, criando através da arte a vivência e a experiência práticas com base em um pensamento mais reflexivo sobre as culturas indígenas em nossa sociedade, usando a Arte Educação como Atividade Educativa de ensino.

Entendemos que o desconhecimento sobre as culturas dos povos indígenas em nossa país ecoa como uma lacuna, isso porque, segundo a teoria de Darcy Ribeiro em ‘O Povo Brasileiro’, a construção da identidade nacional está fundamentada na mistura de raças e culturas, sendo que a miscigenação entre índios, europeus e africanos é uma parte fundamental desta identidade. Portanto, conhecer a cultura brasileira, é também conhecer as matrizes indígenas e africanas e não somente as europeias (Carvalho, 2003, p. 5).

Pensamos sobre a importância do desenho sob o ponto de vista pedagógico, sabendo que é de fundamental relevância o reconhecimento deste processo evolutivo da expressão gráfica na criança. Proporcionado pelas atividades lúdicas, o desenhar traz benefícios ao trabalhar a coordenação motora, agilidade, ritmo e percepção espacial da criança. Como objetivos específicos temos: a) estimular o uso de material didático capaz de proporcionar um conteúdo mais amplo sobre a Arte Indígena, com base nas etnias brasileiras; b) difundir as obras de artistas indígenas em processos educacionais e c) possibilitar as experiências e vivências práticas como forma de atividade educativa através da Arte Educação.

Voos xamânicos em ação: pensando as culturas indígenas

Figura 01: Encarte principal da Exposição



Fonte: <https://online.pubhtml5.com/pdqr/bapy/>. Acesso em: 02/11/2025.

O título da exposição que nos motiva neste artigo é ‘Voos Xamânicos: uma imagética da diversidade biocultural amazônica’, de Ruth Albernaz-Silveira, artista mato-grossense. A exposição teve como público-alvo alunos do Ensino Fundamental. Os objetivos da visita educativa ao espaço do MACP foram: a) fazer com que os visitantes compreendessem a importância da Biodiversidade, conhecendo os diversos Biomas e reconhecê-los através das instalações e pinturas características da etnia Rikbaktsaⁱⁱ, b) mostrar a importância de conhecer alguns aspectos culturais da etnia, reconhecer as características de sua arte (danças, esculturas e pintura corporal) e c) refletir sobre o papel da educação na aprendizagem sobre a diversidade cultural indígena no Mato Grosso.

Para que possamos realizar uma visita educativa de qualidade é necessário pensarmos na exposição como uma mediação educacional, ou seja, que a visita precisa necessariamente ser planejada da mesma forma que um projeto educativo, com objetivos, estratégias, seleção de conteúdos e formas de avaliação, levando em consideração que para cada visita é necessário observar o planejamento conforme a realidade que o espaço comporta. A comunicação nas exposições é característica da pedagogia museal, pensando os diversos tipos de públicos e seu comportamento, as estratégias educativas em exposição e o perfil do educador. Sem sombra de dúvidas são elementos que unem a obra com o visitante, quanto mais compreensiva for para as

pessoas comuns mais “interação” - essa construção educativa de qualidade é que faz a diferença nos museus ou centro culturais.

A exposição deve ser sempre imaginada como um diálogo entre a exposição, o educador e o público. A visita educativa deve ser encarada como uma leitura, das muitas possíveis, dentro do circuito expositivo, permitindo ao público conhecer alguns aspectos fundamentais da exposição. Em virtude disso a mediação nesses espaços é uma prática pedagógica na qual o mediador, a partir de pesquisa teórica e do permanente contato com o público, constitui um repertório para estimular momentos de aprendizagem, dessa forma:

O espaço de mediação entre os objetos culturais e o público pode ser entendido como um espaço de educação não reprodutiva e, sendo assim, os atores envolvidos nessa prática podem ter outros papéis: de sujeitos passivos e reprodutores de informações podem passar a sujeitos ativos que interagem e se apropriam de conhecimentos (Barbosa & Coutinho, 2009, p. 113).

Ao abordarmos a relação entre culturas indígenas e arte é necessário compreender que ao longo dos anos, e quando mencionadas na história da arte brasileira, sempre foram tratadas com timidez, sendo vista como exótica, não atendendo aos padrões estéticos europeus e sendo julgada por valores etnocêntricos. Quebrar essa percepção das culturas indígenas é muito importante não apenas para as culturas desses povos, mas também para subverter os sentidos hegemônicos de arte.

A arte compõe formas de nos manifestar enquanto seres humanos; é onde nos transformamos, sem limites para a expressão de nossa criatividade. A arte deve transgredir, ser uma forma de libertação e de reconstrução sensível. Nesse sentido, como afirma Ernst Fischer (1987), a arte não é um luxo, mas uma necessidade essencial, pois é por meio dela que o ser humano compreende a si mesmo, suas contradições e o mundo que o cerca.

É no momento da observação e da leitura de imagens, no exato instante em que os alunos ou visitantes adentram o espaço expositivo, que podem construir uma experiência imersiva e transformadora, tendo todo o ambiente envolvido com sons, imagens e cheiros. A intenção é produzir uma experiência lúdica e sensorial, conduzindo-os a um ambiente simbólico semelhante ao de uma floresta. Nesse percurso, o visitante vai compreendendo aquele espaço e, ao vivenciá-lo, entra em contato com uma cultura distinta da sua, ampliando sua percepção estética, ética e existencial — justamente o que Fischer (1987) reconhece como o poder humanizador e libertário da arte. Na experiência que realizamos, foi entregue um catálogo com imagens de toda a exposição

e uma pequena biografia da artista, relatando sua história com a obra, seus pensamentos e a intenção que a levou a realizar a exposição.

Num primeiro momento nos preocupamos com a contextualização, fazendo com que os alunos andem pelo espaço, observando detalhadamente cada obra, o ambiente, os sons, chamando a atenção para a importância de cada elemento na obra. Os alunos/visitantes foram conduzidos a entender as condições nas quais as obras foram produzidas, bem como as relações de poder que estão implícitas nessa produção e a representatividade da história da cultura indígena em apreço e sua representação em nossa sociedade. O ideal é orientar a turma para que percebam os conteúdos e as singularidades das obras, buscando trazer a inquietude que há nelas.

Uma segunda etapa da visita é o momento da decodificação e apreciação artísticas, na qual estimulamos os sentidos para saber ler uma obra, decifrando seus elementos e compreendendo sua importância naquilo que retrata. Isso é importante para a aprendizagem em artes visuais e foi pensando neste contexto que, ao introduzir a criança naquele espaço, tentamos fazer com que se apropriem das produções artísticas que observaram, estimulando os sentidos e as emoções.

Caberá ao aluno também a análise não apenas da pintura enquanto obra de arte, mas o entendimento do que ela representa - essa experiência será de grande valia para sua convivência em sociedade. Nesta fase caberá ao mediador levar os alunos a compreender cada detalhe das obras, suas formas, cores, elementos e instigar os alunos/visitantes a interpretar de forma técnica e lúdica as obras. Deverão pensar de que forma foram realizadas, quais materiais foram usados, a escolha do tema e a partir deste ponto já estavam munidos das informações básicas e foram conduzidos à oficina na qual puseram em prática todas as informações adquiridas nos processos anteriores.

Cada fase deve ser planejada minuciosamente pelo educador, que precisa estar atento às feições de cada aluno/visitante para que no momento do fazer artístico haja uma fluência de sentidos. Ao pensar nesta fase, o objetivo é produzir uma grande atividade educativa, uma ação pedagógica que não fosse reduzida a uma visita ao museu, mas como um local de transformação, de educação, para além da sala de aula tradicional. Todo o ambiente é uma grande sala de aula prática (um laboratório) sobre a cultura e arte indígena. Através desta vivência e experiência é possível estimular os visitantes a terem um olhar mais amplo sobre o tema, sobretudo ao fazerem parte da própria exposição, conseguindo desenvolver diálogos com as obras expostas.

RBEC	Tocantinópolis/Brasil	v. 11	e20497	UFNT	2026	ISSN: 2525-4863
------	-----------------------	-------	--------	------	------	-----------------

A proposta é dar um momento para que os alunos possam observar as telas sem dizer nada. Não será mostrado nenhum tipo de identificação ou qualquer informação, visto que a leitura de uma obra é uma atividade tão importante quanto a produção artística, pois possibilita a interpretação das imagens, compreensão e apreensão de informações visuais. Propomos dividir os alunos/visitantes em grupos para melhor aproveitamento do conteúdo e cada grupo deve ter uma ficha técnica (anexada ao catálogo da exposição) para que possam desenvolver o seguinte roteiro:

1. Ficha Técnica

- Título, Autor/a da Obra, Local e Data - Dimensão

2. Descrevendo

- O que você vê na Imagem (Obra de Arte) – Descrever de forma Objetiva

3. Analisando (aspectos formas/estruturas da Obra de Arte)

- Linhas, Formas, Cores, Luz e Sombra, Texturas, Planos, Composição, Simetria/assimetria (dos Elementos Compositivos)
- Movimento/Estaticidade (dos elementos compositivos), temática
- A obra se parece com alguma imagem que vocês reconhecem ou já viram em outros espaços ou contextos?

- Sobre o que você acha que ela trata?
- Qual mensagem que o/a artista passa através dessa obra?
- Se parece com objetos artísticos que você já viu?
- Como você acha que foi a reação de outras pessoas ao ver esta obra?

4. Interpretando (sensações, emoções, lembranças e significados)

- O que você sente ao ver esta obra?
- Você gosta ou não? Por quê?
- Você enquadraria a obra como arte?

5. Fundamentando (breve biografia da artista, destacando as características e a importância de sua produção no panorama artístico)

Tendo essa ficha técnica em mente, podemos nos debruçar sobre as obras da exposição em apreço, como parte da atividade de leitura de Obra de Arte, pois a Leitura é uma atividade tão importante quanto a produção artística, pois nos possibilita a interpretação das imagens, compreensão e apreensão de informações, vale ressaltar que boa parte das informações de leitura

também consta no folder apresentado pela artista. A primeira imagem que abre esse tópico é a obra central da exposição, aquela que representa a exposição como um todo - um pássaro com certa pelugem, galhos e folhas, bem colorido. A seguir temos a seguinte imagem:

Figura 02: Pássaros Guardiões do Amor [mista s/ tela, 40 x 50 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisa.

Esses pássaros podem ser vistos como seres míticos, como não-humanos que se apresentam em uma paisagem imaginária do Cerrado, representando um apelo aos humanos em relação às florestas e aos diversos biomas brasileiros, que necessitam de cuidado, conservação e desmatamento. Há um amor entre o casal de pássaros, uma ideia de complemento entre ambos, um olhar atento ao Outro, uma paixão ensaiada, dois seres que estão na paisagem e são compostos por ela - uma vegetação viçosa e vibrante. A seguir temos:

Figura 03: Voo Xamânico [mista s/ tela, 80 x 80 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisas.

Essa obra é uma homenagem ao pajé Rikbaktsa Shogmã (in memoriam), grande conhecedor da biodiversidade amazônica, particularmente das espécies consideradas detentoras de poderes mágicos para os processos de feitiçaria, comunicação espiritual ou cura. A imagem mostra a integração entre humanos e não-humanos, evidenciando que o poder xamânico é fruto da confluência entre os mais diversos seres e espécies que habitam este e outros mundos. A seguir temos:

Figura 04: A Samaúma e o guardião [mista s/ tela, 160 x 100 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisa.

“A Samaúma e o guardião” expressa uma interpretação da árvore amazônica samaúma (Ceiba pentandra), que integra a cosmologia de diversos povos indígenas que a respeitam como um ser sagrado e ancestral. Alguns povos a consideram como a rainha da floresta e usam a água guardada em seu tronco como medicamento para “curar tristeza”. Nesta obra, a artista trouxe a representação do espírito que rege a espécie acompanhado de um gavião, considerado como uma ave sagrada por representar sabedoria e poder. Logo em seguida temos:

Figura 05: O Xamã [mista s/ tela, 50 x 40 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisa.

O “Xamã” é um pássaro inspirado na narrativa de um pajé do povo Yudjá (Xingu, MT). Para realizar os trabalhos de cura, ele se comunica com espíritos de aves-xamãs, que orientam o trabalho de pajelança. No xamanismo, a relação com os ancestrais e espíritos, independente de terem formas antropomórficas, é essencial. Para várias etnias indígenas, a relação humano-animal vai além da matéria e difere da forma dessa relação em sociedades ocidentais. Vemos que o xamã é um pássaro, mas isso pode indicar que o pássaro também pode ser xamã, afinal não são apenas humanos de carne e osso que possuem agência sobre o mundo. A seguir temos:

Figura 06 - Mamaé traz bons ventos [mista s/ tela, 50 x 40 cm, 2014].



Fonte: Dados da pesquisa.

Realizada a partir da narrativa do pajé Sapaim Kamayurá, que ensina sobre o espírito da floresta denominado “Mamaé” (que na língua tupi-guarani significa coisa ou espírito do mato), que o orienta em rituais de cura e transformação realizados em sua aldeia localizada no Alto Xingu, em Mato Grosso. Na cosmologia de povos tupi guarani, os Mamaés podem ser espíritos bons ou ruins, ou simplesmente seres transformadores do mundo de forma inesperada. A seguir:

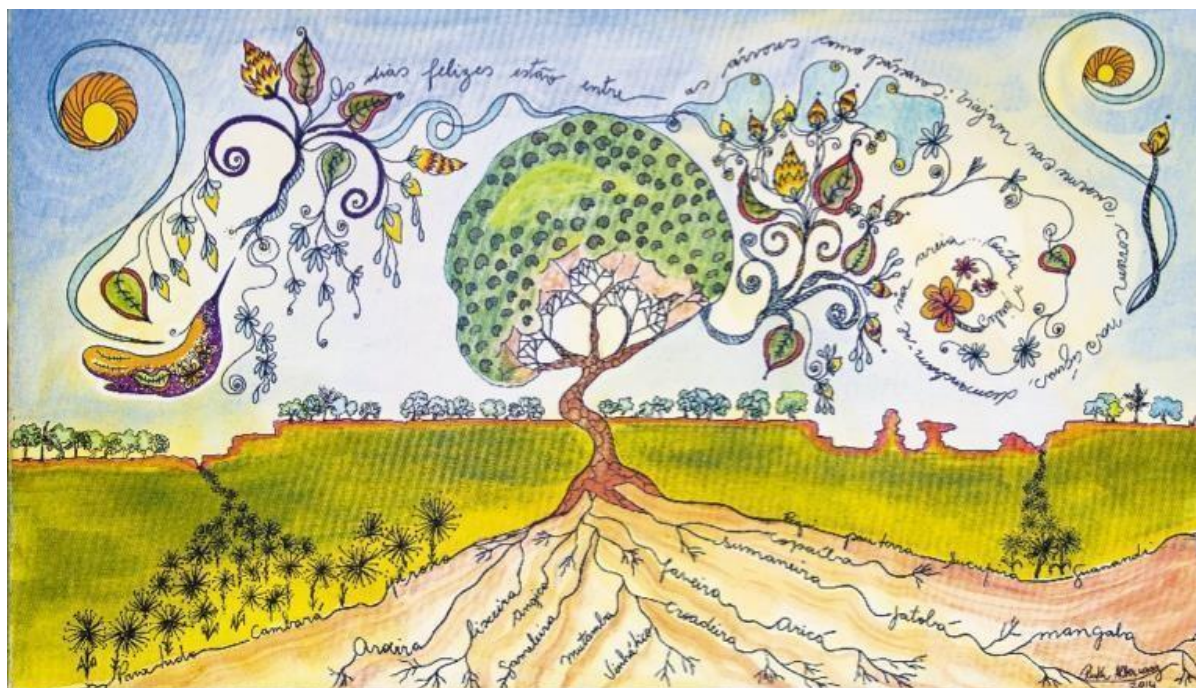
Figura 07: Pássaros mensageiros de cura [mista s/ tela, 50 x 40 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisa.

Complementarmente às imagens das obras “Voo Xamânico”, “o Xamã” e “Mamaé traz bons ventos”, a obra “Pássaros mensageiros de cura” retrata os pássaros em voo circular, ofertando energia de cura e bons presságios. Segundo o imaginário dos ribeirinhos do Pantanal de Mato Grosso, os pássaros podem se comunicar pelo desenho que fazem no céu em seus voos ou pela vocalização emitida em determinada circunstância. Temos também a seguinte obra:

Figura 09: Vegetal Miragem [mista s/ tela, 50 x 70 cm, 2014].



Fonte: dados da pesquisa.

Essa obra traz uma paisagem da Chapada dos Guimarães, área de transição entre a Floresta Amazônica e o Cerrado, dentro da Amazônia Legal. A paisagem representa um alerta para a necessidade de proteção das árvores e de outras plantas medicinais do Cerrado, ameaçadas de extinção pela conversão de seus *habitats* em campos de lavoura ou pastagens. Nessa obra, há a citação de um fragmento (no alto da imagem) de poesia de Cecília Meireles que diz “... os dias felizes estão entre as árvores como pássaros: viajam nas nuvens, correm nas águas, desmancham-se na areia...”. Percebemos que a árvore que está ao centro da imagem, tem suas raízes conectadas a outras árvores.

Considerações finais

A proposta apresentada neste artigo reafirma a importância da arte como meio de formação sensível, crítica e humanizadora. Ao integrar práticas artísticas e educativas inspiradas nas culturas indígenas, foi possível promover uma reflexão sobre a diversidade cultural brasileira e sobre o papel da arte na construção de novos modos de pensar e sentir o mundo. A arte, nesse contexto,

torna-se linguagem e experiência transformadora, capaz de unir o conhecimento estético, ético e social.

Com base nas concepções de John Dewey, compreendemos a educação como experiência, na qual o aprendizado se dá por meio da interação, da experimentação e da reflexão. A metodologia triangular de Ana Mae Barbosa — ver, fazer e refletir — sustentou as ações pedagógicas desenvolvidas, permitindo que os alunos se tornassem protagonistas do processo criativo. Assim, o ensino da arte deixou de ser apenas técnico e passou a integrar a prática do pensar sensível e da descoberta pessoal e coletiva.

A experiência com a exposição *Voos Xamânicos*, de Ruth Albernaz, realizada no Museu Rondon de Etnologia e Arqueologia, demonstrou o potencial da mediação cultural como prática educativa. O museu, entendido como espaço de diálogo e construção de conhecimento, possibilitou que os alunos vivenciassem a arte indígena de modo reflexivo, ampliando sua percepção estética e o respeito à diferença. O mediador, nesse processo, atua como elo entre a obra e o visitante, despertando curiosidade, sensibilidade e consciência cultural.

Inspirados em Vygotsky e Piaget, compreendemos que o conhecimento é um processo social e interativo. A arte, ao ser vivida de forma prática, estimula a imaginação, a expressão e o pensamento crítico. Nas atividades realizadas, os alunos puderam criar, observar e interpretar, fortalecendo o vínculo entre o fazer artístico e o entendimento da arte indígena como manifestação simbólica e identitária. Essa vivência reforçou o papel da arte na formação integral do ser humano.

A partir dessas experiências, evidencia-se que a arte-educação, quando inserida em espaços museais e mediada de forma consciente, torna-se um instrumento poderoso para o desenvolvimento de uma educação multicultural e inclusiva. O diálogo entre arte e cultura amplia a percepção sobre o outro, combate estereótipos e valoriza os saberes tradicionais, promovendo o encontro entre diferentes modos de ver e compreender o mundo.

Concluimos que unir arte, educação e mediação cultural é um caminho essencial para formar sujeitos críticos e criativos, capazes de reconhecer a pluralidade de identidades que compõem o Brasil. A arte, ao integrar teoria e prática, sensibiliza, transforma e amplia a consciência coletiva, reafirmando-se como campo de conhecimento e experiência indispensável à construção de uma sociedade mais justa, plural e sensível à diversidade cultural.

Referências

- Ardila, S. N. (2017). *Educação em museus e contextos não escolares* (Série Universitária). São Paulo: Editora Senac São Paulo.
- Barbosa, A. M. (1991). *A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (2008). *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo* (3. ed.). São Paulo: Perspectiva.
- Barbosa, A. M. (2009). Mediação cultural é social. In A. M. Barbosa & R. G. Coutinho (Orgs.), *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: UNESP.
- Brasil. (1996). *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União. Brasília, DF.
- Brasil. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental: Artes*. Brasília: MEC/SEF.
- Brasil. (1999). *Política Nacional da Educação Ambiental (PNEA): Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999*. Brasília, DF: Diário Oficial da União.
- Cardoso, L. F. P. (2010). *Cultura visual e a educação através da imagem*. Recife: O Autor.
- Carvalho, R. A. P. de. (2003). *Grafismo indígena: compreendendo a representação abstrata na pintura corporal Asurini*.
- Chagas, M., & Gouveia, I. (2014). Museologia social: reflexões e práticas. *Cadernos do CEOM*, 27(41).
- Duarte, M. M. (2017). A arte como experiência [Resenha de: Dewey, J. *Art as Experience*. New York: A Perigee Book, 1980]. *Crítica Cultural – Critic*, 12(1), 161-169.
- Fischer, E. (1987). *A necessidade da arte* (L. Konder, Trad.; 9. ed.). Rio de Janeiro: LTC.
- Herter da Silva, R., & Cenci, D. (2016). Multiculturalismo e educação ambiental: reflexões acerca da construção de uma nova postura ética dos seres humanos. *Revista Contexto & Educação*, 30(97), 67-93.
- Iavelberg, R. (2003). *O ensino da arte: entre o fazer e o compreender*. São Paulo: Cortez.
- ICOM – Conselho Internacional de Museus. (1974). *Definição de museu*. In *ICOM Statutes*. <https://icom.museum>.
- Lagoa, V. (1973). *Estudo do sistema Montessori fundamentado na análise experimental do comportamento* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo. Repositório da Produção USP+.

Machado, I. L. (1986). *Educação Montessori: de um homem novo para um mundo novo* (3. ed.). São Paulo: Pioneira.

Piaget, J. (1978). *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. Rio de Janeiro: Zahar.

Piaget, J. (1970). *O nascimento da inteligência na criança*. Rio de Janeiro: Zahar.

Ribeiro, B. G. (1995). *O índio na história do Brasil*. São Paulo: Global.

Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Tavares Bastos, A. A., & Minerini, J. (2017). *Fundamentos de arte-educação* (Série Universitária). São Paulo: Editora Senac São Paulo.

UNESCO. (2015). *Recomendação referente à proteção e promoção dos museus e coleções, sua diversidade e seu papel na sociedade*. Aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da UNESCO em sua 38ª sessão.

Vidal, L. (1992). *A pintura corporal e a arte gráfica entre os Kayapó-Xikrin do Cateté*. São Paulo: EDUSP.

Vera Lagoa. (s.d.). *Estudo do sistema Montessori*. São Paulo: Loyola.

Vygotsky, L. S. (1998). *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores* (6. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Vygotsky, L. S. (1993). *Pensamento e linguagem* (3. ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Zuin, L. (2018). *Teorias da cultura* (Série Universitária). São Paulo: Editora Senac São Paulo.

ⁱ Doutora em Biodiversidade Amazônica pela Rede BIONORTE - MCTI; mestre em Ciências Ambientais; especialista em Gestão Colaborativa de Sistemas Sócio-ecológicos na Amazônia Brasileira e graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT (1996). Atualmente é pesquisadora voluntária da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Tem experiência na área de arte/educação ambiental, com ênfase em Ciências Ambientais, atuando principalmente nos seguintes temas: biodiversidade, sustentabilidade, Ecologia e Arte.

ⁱⁱ Os Rikbaktsa são um povo indígena do noroeste do Mato Grosso, vivendo principalmente nas Terras Indígenas Erikpatsa, Japuira e Escondido. Seu nome significa “os seres humanos” e eles são conhecidos por manterem sua cultura através de tradições como danças e rituais, ao mesmo tempo que se adaptam à realidade moderna através do bilinguismo falando português, sendo sua língua nativa Rikbaktsa. São reconhecidos por sua participação em projetos de sustentabilidade, como a extração sustentável de castanha-do-pará (Fonte de pesquisa: <http://prodoclin.museudoindio.gov.br/index.php/etnias/rikbaktsa>). Acesso em: 11/11/2025.

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em: 20/01/2026
Aprovado em: 14/02/2026
Publicado em: 17/03/2026

Received on January 20th, 2026
Accepted on February 14th, 2026
Published on March, 17th, 2026

Contribuições no Artigo: Os(as) autores(as) foram os(as) responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The authors were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.

Conflitos de Interesse: Os(as) autores(as) declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não tem.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Soares, C. C., & Rodrigues, O. S. (2026). Uma proposta artística e pedagógica para o ensino sobre culturas indígenas. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 11, e20497.

ABNT

SOARES, C. C., RODRIGUES, O. S. Uma proposta artística e pedagógica para o ensino sobre culturas indígenas. **Rev. Bras. Educ. Camp.**, Tocantinópolis, v. 11, e20497, 2026.